

AS FÔRÇAS EXPEDICIONÁRIAS BRITÂNICAS Á FRANÇA

(1914-1918)

Não julguem os leitores encontrar nas linhas, que seguem, a investigação das origens da guerra, que, durante mais de 4 anos, aniquilou milhões de existências das nações da Europa, nem a critica ou narração de qualquer fase da grande luta; vou referir-me especial e singelamente à acção da Inglaterra, procurando mostrar, com números, o que foi o seu grande esforço, o grande espírito organizador, a providência e perseverança dos seus dirigentes e dos altos comandos dos seus exércitos.

*
* *
*

Em 2 de Agosto de 1914 a Alemanha exigiu, em *ultimatum*, passagem livre para as suas tropas através da Bélgica, cuja neutralidade fôra estabelecida pelo tratado de Londres de 1839, e garantida, *in perpetuum*, pela Inglaterra, Rússia, França, Austria e Prússia.

Não obstante a resposta negativa, as tropas Germânicas transpuzeram em 4, de manhã, a fronteira belga. A Inglaterra, signatária do tratado, tinha o direito e o dever de corresponder ao apêlo dirigido às potências, em 3, pelo rei Alberto, e de intervir em favor da neutralidade, tão brutalmente violada, e que esta havia garantido com as demais nações.

Depois de, baldadamente, intimar a Alemanha a não prosseguir na invasão do território belga, e a mandar recuar as suas tropas, declarou guerra a esta potência no próprio dia 4, à noite.

Em 22 do mesmo mês, as fôrças expedicionárias britânicas, no efectivo de 80:000 homens, após uma marcha de 31 milhas, entraram em campanha na fronteira nordeste da

França, sob o alto comando do general Sir John French, que, passados 16 meses, foi, a seu pedido, exonerado e substituído pelo marechal Sir Douglas Haig, retirando-se com honra dêsse serviço glorioso para assumir o comando das forças militares no seu paiz.

O *desprezível e insignificante exército*, assim apelidado pelo Kaiser na mensagem enviada, 4 dias depois do desembarque das tropas inglezas, do seu quartel general em Ailla-Chapelle, foi bastante para infligir aos soldados prussianos importantes perdas em Charleroi e Mons, fazendo pagar bem caro a ordem transmitida na famosa mensagem (1) do seu imperador.

Durante 25 dias combateu o pequeno exército britânico, quasi sem um momento de repouso, concorrendo com o seu grande esforço, ao lado das tropas francesas, para o vigoroso ataque alemão se converter na retirada da Marne, que salvou a França e o mundo da hegemonia prussiana e feriu de morte o senso imperial alemão.

*

* *

A Inglaterra não estava preparada para a guerra, e de forma alguma para guerra de tal magnitude. Tinha falta de homens com instrução militar, escasseava-lhe o material de guerra, e, o que era mais importante, não havia montado o sistema de preparar soldados, e faltavam os meios de obter o material em quantidade, sequer aproximada, das exigências da luta.

Só, passados dois anos e meio, conseguiu ter o máximo de infantaria durante a campanha, quando importantes baixas tinham já ocorrido; e o emprêgo de artilharia, em operações de certa envergadura, só no meiado do verão de 1916 pôde realizar-se.

Durante a batalha da Somme, nesse mesmo ano, foi necessário regular com o máximo cuidado o consumo de mu-

(1) Cópia de um trecho da mensagem: «É minha ordem Real e Imperial que se concentrem no momento actual, sob um único ponto, as vossas energias: esse ponto é que dirijais toda a vossa pericia e todo o valor dos meus soldados para o extermínio, em primeiro lugar, dos inglezes traidores, esmagando o desprezível e insignificante exército do general French».

nições de artilharia, que não abundaram. Em 1917, porém, munições não faltavam, mas o estado das bôcas de fogo era causa de anciedade constante para o alto comando. Foi somente em 1918 que puderam efectuar-se operações, empregando artilharia sem qualquer outra consideração, que não fôsse o seu transporte.

Para avaliar o extraordinário desenvolvimento dado ao fabrico de material de artilharia, basta notar que eram 486 as bôcas de fogo, de pequeno e médio calibres, no princípio da campanha, e na data do armistício êsse número estava elevado a 6:437 na frente ocidental, entre peças e obuzes dos menores aos maiores calibres.

Um curto exame dos principais ataques, realizados pelas tropas britânicas, dá perfeita ideia da crescente importância da artilharia. No primeiro dia da batalha da Somme, em 1916, o número de artilheiros, empenhados na luta, era, pouco mais ou menos, metade do efectivo de infantaria das divisões atacantes. Neste dia consumiram os ingleses na frente ocidental 13:000 toneladas de munições.

Nos ataques em Arras e Messines, a 9 de Abril e 7 de Junho de 1917, a proporção entre artilheiros e infantaria aumentou, e o consumo de munições quasi que dobrou nos primeiros dias destas batalhas.

Durante o periodo seguinte, no início da batalha do Somme, cresceu sucessivamente o predomínio da artilharia britânica sobre a alemã, até ao máximo na batalha de Arras.

Nos combates em Ypres, no outono de 1917, havia entre os dois exércitos rivais, luta intensa pela supremacia da artilharia. Os alemães, pelo facto de reduzirem os efectivos desta arma em alguns pontos da frente ocidental, onde nenhuma pressão se exercia então, e por deslocarem algumas peças da frente oriental, chegaram a obter predomínio sobre a artilharia britânica.

Nesta batalha, entretanto, foi grande a proporção entre a artilharia e a infantaria inglesas. No começo da batalha, a 31 de Junho, o número de artilheiros chegou a 80% do efectivo da infantaria empenhada no ataque principal; e o gasto de munições excedeu 23:000 toneladas neste dia.

Durante as semanas seguintes o duelo das artilharias tornou-se cada vez mais violento. Em 20 e 21 de Setembro consumiram-se 42:000 toneladas de munições, e no vitorioso ataque de 4 de Outubro, que deu aos ingleses a posse da crista principal de Broodseinde, o número de artilheiros elevou-se a 85% da infantaria, que correu ao assalto.

No inverno de 1917-1918, os alemães engrossaram a sua artilharia com baterias retiradas da frente oriental, apresentando, nas operações da primavera, temporária superioridade. Esta situação, porém, foi de curta duração.

Mesmo antes de sustada a grande ofensiva alemã por essa época, a artilharia britânica ganhou superioridade que aumentou tão rapidamente que a derrota da alemã foi um facto consumado.

Desde o começo da sua ofensiva, em Agosto de 1918, até à conclusão do armistício, consumiu o exército inglês na frente ocidental 700:000 toneladas de munições de artilharia!

Na quinzena de 21 de Agosto a 3 de Setembro, o consumo diário excedeu 11:000 toneladas; e durante os dias 27, 28 e 29 de Setembro, empregaram-se cerca de 6:500 toneladas de granadas.

O extraordinário aumento da artilharia foi consequência inevitável do carácter que a guerra tomou, desde que os dois adversários se abrigaram nas trincheiras, estendidas ininterruptamente da Suíça até ao mar. Ficou restringida a oportunidade da manobra e a necessidade dos ataques de frente tornou essencial o emprêgo das grandes massas de artilharia.

Notável desenvolvimento tomou também o emprêgo dos morteiros ligeiros, médios e pesados, e sobretudo o das metralhadoras. No começo da campanha, em 1914, dispunha o exército inglês de uma metralhadora para cada 500 homens, e em 1918, entre pesadas (Vickers) e ligeiras (Lewis), havia uma para cada 20 combatentes.

*

* *

O acréscimo do efectivo das forças britânicas em França deu origem ao aumento do pessoal empregado no serviço de ligações e comunicações. A princípio era exercido por 2:400 oficiais e praças, instruídas e munidas do material para a guerra de movimento. Em fins de 1918 estava esse número elevado a 42:000 homens, perfeitamente instruídos e munidos de todos os inventos modernos para-agirem eficientemente em quaisquer circunstâncias.

A passagem à guerra de trincheiras, o maior emprêgo de artilharia, o aumento do seu alcance, tornaram cada vez mais difícil a garantia das comunicações. Abriram-se na extensão de muitas milhas, fundas valas para enterrar cabos,

contendo 50 e 100 circuitos, protegendo-os assim dos efeitos dos bombardeamentos.

O emprêgo da telegrafia sem fio foi-se generalizando, e por fim constituía uma parte do serviço de comunicações entre as várias unidades. Em 1915 montou-se o serviço de pombos correios para ligação com as tropas na linha de batalha; ultimamente havia 20:000 pombos.

O movimento de telegramas tornou-se realmente extraordinário. Pelas linhas de comunicação do exército britânico foram expedidos, em 24 horas, mais de 23:000 (1). No quartel general do comando em chefe foram transmitidos no mesmo prazo de tempo 9:000 telegramas, e conduzidas por estafetas 5:000 notas; num quartel general de exército 10:000 telegramas e 5:000 notas; e num quartel general de corpo de exército 4:500 telegramas e 3:000 notas. Nestes números não estão compreendidas as comunicações telefônicas que também foram em grande quantidade.

Concorriam para o aumento das linhas telegráficas e telefônicas as constantes mudanças da frente de batalha e a deslocação dos quartéis gerais. Em sete dias chegaram a empregar-se 6:500 milhas de fio, e durante 1918 o fornecimento dêste material por semana foi de 3:300 milhas.

*
* *

A imensa expansão do exército britânico que de 6 divisões, a princípio, foi elevado a mais de 60, combinada com a constante multiplicação das armas e serviços, acarretou inevitavelmente um grande aumento no pessoal encarregado de fazer chegar às forças combatentes o indispensável restabelecimento, e em geral, no empregado em serviços da retaguarda como: embarques e desembarques, caminhos de ferro, reparação de estradas, serviço nos hospitais, etc., etc.

Os números, que seguem, mostram bem qual seria o movimento para alimentar e formar 2.700:000 homens, que a tanto chegaram as forças expedicionárias britânicas.

Para manter uma divisão são necessárias diariamente cerca de 200 toneladas de pezo bruto — viveres e taras:

(1) Todos os números citados são extraídos do último relatório do marechal Sir Douglas Haig, comandante em chefe das forças britânicas em França.

O aumento de uma onça em cada ração, num exército de 2.700:000 homens, representa um acréscimo de peso de 75 toneladas.

Até fins de Novembro de 1918 o número de indivíduos, desembarcados em vários portos de França, conduzidos por conta do governo britânico, excedeu 10 milhões e meio.

Durante 11 meses, de Janeiro a Novembro de 1918, a tonelagem desembarcada nos mesmos portos, foi de 175:000 por semana; e com a boa organização e movimento do trabalho nas docas, o número de toneladas descarregadas por hora subiu de 12 e meia em Janeiro de 1917, a 34 e meia em Julho de 1918.

Empregou o exército inglês 46:700 viaturas de tração mecânica, das quais 30:000 camions. O número de solípedes de séta e tiro excedeu o de 400:000.

A zona de guerra a cargo do Exército britânico tinha 4:500 milhas de estrada, cuja conservação lhe competia, sendo necessário para uma milha de extensão 100 toneladas de material por quinzena. No mês de Outubro de 1918 foram transportadas em camions, semanalmente, 850:000 toneladas de material de reparação de estradas. O fornecimento de pedra desde o começo de 1918 até ao armistício, foi de 3.500:000 toneladas.

Durante 1918 foram construídas e reparadas 2:340 milhas de caminho de ferro de via larga, e 1:348 de via reduzida. Nos 6 meses de Maio a Outubro do mesmo ano empregou o Exército britânico, em seu serviço, 1:800 comboios, transportando 400:000 toneladas semanalmente, além de 130:000 pela via reduzida.

O número de locomotivas que em 1916 era de 62, foi elevado a 1:200 em 1918, e o número de vagons subiu de 3:840 a 52:700.

Eram também utilizados os canais na Flandres e norte da França na extensão de 465 milhas, por onde os ingleses transportavam 56:000 toneladas de material por semana.

O maravilhoso desenvolvimento e hábil combinação de sistemas de transporte, teve sem dúvida capital influência no decurso dos acontecimentos, que conduziram à vitória.

Quando a guerra submarina começou a fazer sentir os seus funestos efeitos, e por consequência diminuiu o número de transportes marítimos, tornou-se indispensável que o Exército britânico em França cuidasse de prover a alguns serviços e aquisições sem dependência directa da metrópole. Assim: vastos hospitais e depósitos para convalescentes, com

capacidade para 22:000 camas, foram estabelecidos em Trouville; e para 7:000 camas, nas proximidades de Etaplos, Boulogne e outras localidades.

Entre Janeiro de 1916 e Novembro de 1918, a capacidade total dos hospitais e depósitos de convalescentes aumentou de 44:000 camas a 157:000.

Montaram-se grandes instalações para a manufatura e concerto de vários artigos, e para aproveitamento dos que eram recolhidos dos campos da batalha; estabeleceu-se a exploração de florestas, obtendo-se toda a madeira precisa para as necessidades do Exército; desenvolveram-se trabalhos agrícolas, colhendo-se legumes e hortaliças para as tropas, etc., etc.

Exposto isto, e conhecendo o espírito organizado dos ingleses, que não se preocupam com a economia de pessoal, contando que o funcionamento dos serviços decorra com ordem, método e rapidez, e que escolhem para os diversos cargos os funcionários que, pelos seus precedentes e provas dadas, melhor garantia dão de bem os desempenhar — *the right man in right place* —, não resta dúvida que tudo decorria com uma precisão matemática.

Cada ramo de serviço tinha a sua direcção especial e auxiliares com competência; os oficiais e praças não eram distraídos para nenhum outro serviço, nem substituídos sem motivo fundado, e desta forma obtinha-se a perfeição e rapidez no funcionamento das diferentes engrenagens do colossal mecanismo que movia e alimentava um exército de 270:000 homens.

As mais complicadas operações com respeito a transportes, eram executadas sem confusão e como automaticamente. Assisti à chegada de um comboio de cura de 700 feridos e doentes, a uma estação de caminho de ferro na zona dos hospitais, e vi efectuar-se o desembarque em 20 minutos, sem ouvir uma palavra, uma ordem, sabendo cada qual de antemão, o que lhe cumpria fazer. E assim em tudo o mais.

*
* *
*

Em 1914 desembarcou em França o «*Base Stationary Depot*», cujo quadro se compunha de 10 indivíduos. Transformou-se depois na Direcção de «*Army Printing and Stationary Services*», que empregava ultimamente para cima de 60 oficiais e 850 praças.

Além da impressão e distribuição de ordens e instruções, tinha a seu cargo a reprodução, em larga escala, de fotografias aéreas e outras, cujo número de 25:000 em 1916 atingiu 2.250:000 em 1918.

Sob a superintendência do Ajudante Geral, foram organizados na Base oito milhões de verbetes com a biografia militar individual de todos os que fizeram parte das Forças expedicionárias britânicas em França, e receberam-se e distribuíram-se 22 milhões de cartas.

*
* *

O Exército britânico sofreu pesadas perdas no começo da campanha. Grande número de mancebos da primeira nobreza de Inglaterra veio encontrar a morte em terras de França.

A totalidade das baixas sofridas pelas forças expedicionárias britânicas, incluindo tropas coloniais, em todos os teatros da guerra, entre mortos, feridos, prisioneiros e extraviados, ascende a 3.076:388, dos quais 2.568:834 na frente ocidental.

As baixas dos alemães orçam por 6.485:000. À conta do Exército britânico deixaram eles na frente ocidental 327:000 prisioneiros.

As baixas dos franceses entre mortos, prisioneiros e extraviados, montam a 1.831:000; e as dos austro-hungaros a 2.772:000; mas, se contarmos com feridos, esses números serão representados, respectivamente, por 4:800:000 e 4.500:000, pouco mais ou menos.

As baixas dos italianos entre mortos e feridos, unicamente, foram de 1.400:000.

*
* *

Às 11 horas do dia 11 de Novembro de 1918, data em que pelos aliados foi concedido o armistício aos alemães, as forças expedicionárias britânicas ocupavam uma frente de 60 milhas, desde as proximidades de Montbliart a este de Avesnes, até norte de Gramant.

Estavam essas forças distribuídas por cinco exércitos, cuja ordem, da direita para a esquerda, era: IV-III-I-V-II, res-

pectivamente, sob o comando dos generais Rawlinson, Byng, Horn, Birdwood e Plumer.

Todos estes exércitos tomaram parte na ofensiva, porém, sómente o IV e o II, do comando dos generais mais antigos entre os cinco comandantes, seguiram em direcção à Alemanha; e ainda, em consequência do sector de ocupação atribuído aos ingleses, não exigir efectivo superior ao de um Exército, foi por fim essa missão conhecida ao II sob o comando do general Plumer.

Na manhã de 1 de Dezembro, data para sempre memorável, a 1.^a Divisão de Cavalaria atravessou a fronteira entre a Bélgica e a Alemanha; e na véspera do Natal as forças do 2.^a Exército tinham atingido os locais aonde deviam estabelecer-se no sector de Cologne, em ligação com os americanos pelo sul.

Durante o avanço das forças britânicas, e especialmente no período que se seguiu à passagem da fronteira alemã; grandes, mas inevitáveis, dificuldades surgiram no reabastecimento das tropas.

Na ocasião do armistício as estações testas dos caminhos de ferro, utilizados pelos ingleses, encontravam-se na linha Le Cateau Valenciennes, Lille e Courtrai; e, na extensão de muitas milhas para a frente, as pontes tinham sido cortadas e as estradas destruídas por minas. Mesmo depois de cessarem as hostilidades, explodiram algumas, preparadas pelos alemães na retirada, e que causaram sérios embaraços no tráfego.

Foram excessivamente árduos os trabalhos da pesquisa das minas, reconstrução das linhas férreas e reparação das estradas, executados ininterruptamente dia e noite.

No avanço para o Reno, a distância a percorrer pelos comboios de víveres, que foi forçoso organizar com 3 escalões de camions, aumentou em 200 milhas. Esta circunstância e a consequente maior duração nas viagens, diminuiu a disponibilidade em transportes, que não pôde ser suprida com as tomadas ao inimigo pela demora em os reunir, e por a maior parte não estar em condições de prestar serviço imediato. Além disto, a alimentação fornecida a mais de 800:000 franceses, habitantes dos territórios libertados, sem contar com os belgas, ainda concorreu para complicar o serviço do reabastecimento.

Entretanto, graças à providência dos comandos, à boa organização deste serviço nas áreas da retaguarda, e à disciplina das tropas, as dificuldades venceram-se, e o exército

passou a receber as rações de viveres, como as recebera desde os primeiros tempos da campanha — «*a tempo e horas*».

Em 6 semanas distribuiu o Exército britânico 5 milhões de rações a civis franceses, enquanto o governo não providenciou para as reabastecer.

Este serviço prestado em nome da humanidade mereceu o justo reconhecimento das autoridades de França.

FERNANDO TAMAGNINI.



S. M. Alberto I



S. M. Victor Manoel III



Marechal Joffre



Marechal Douglas Haig